

# TIPOS DE DISCURSO E GÉNEROS: PARA UMA ABORDAGEM DIDÁTICA INTEGRADA DE DUAS CLASSIFICAÇÕES TEXTUAIS

**RESUMO:** Nos últimos anos, deu-se um significativo desenvolvimento no âmbito dos estudos sobre os géneros (Adam & Heidmann 2007, Swales 2004, Maingueneau 2014). Consequentemente, os Programas e Metas Curriculares da disciplina de Português do Ensino Básico e Secundário concedem já um lugar central aos géneros no processo de ensino-aprendizagem.

O objetivo do artigo consiste em fundamentar e sistematizar um conjunto de ideias centrais acerca deste tema, para que os docentes de Português dos diversos ciclos de ensino procedam ao aproveitamento didático de algumas teorizações. É proposta uma abordagem didática dos géneros em que se articula uma classificação em tipos de discurso (jornalístico, literário, etc.) com a classificação em géneros (notícia, editorial; romance, conto; etc.). Parte-se, portanto, da caracterização das situações de comunicação em que os textos ocorrem para a explicitação das propriedades especificamente textuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** classificações textuais, comunidade discursiva, tipos de discurso, géneros, propriedades externas/internas

**ABSTRACT:** In recent years, several relevant studies have been published in the field of text classification, particularly on genre studies (Adam & Heidmann 2007, Swales 2004, Maingueneau 2014). As a result, in the official documents that present the syllabus and the learning goals of Portuguese in Elementary and Secondary Education, genre is granted a central position.

The main goal of this paper is to present and justify a set of central ideas on text classifications that may enable elementary and secondary teachers of Portuguese to adapt and to use them in the classroom. It proposes a didactic

genre approach that combines two distinct text classifications – discourse types (journalistic, literary, etc.) and genres (news, editorial; novel, short story; etc.). Thus, it is argued that a genre didactic approach should start by characterizing the communicative situations in which texts occur and only then it should focus on describing the texts’ internal properties.

**KEYWORDS:** text typologies, discourse community, discourse types, genres, external/internal properties

## 1 - Introdução

Nas últimas décadas, o conceito de gênero deixou de estar reservado às áreas da teoria e análise literárias, tendo passado a ocupar um lugar central no âmbito de diversos campos disciplinares que elegem o texto como objeto de estudo. Ganhou, por isso, uma relevância crescente que se refletiu, primeiro, na investigação linguística e, depois, em contexto acadêmico e escolar. No domínio da investigação, as reflexões precursoras de Bakhtin (1986) influenciaram autores situados em teorizações como o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997), em disciplinas como a Linguística Textual (Adam 2011, Adam & Heidmann 2007) e a escola francesa de Análise do Discurso (Maingueneau 2014), e em áreas de investigação como o Inglês para Fins Acadêmicos (Swales 1990, 2004) e os Estudos Retóricos dos Gêneros (Miller 1984, Devitt 2004) – áreas que são frequentemente subsumidas sob a designação de *Genre Studies*.

No contexto escolar nacional, os mais recentes documentos que prescrevem os conteúdos a lecionar na disciplina de Português do ensino básico e secundário refletem a posição central que as classificações textuais ocupam na investigação linguística, e conferem um lugar proeminente ao gênero enquanto conceito estruturante dos programas e das metas curriculares, nos domínios da compreensão e da expressão (quer oral, quer escrita). Tal observa-se, em particular, no *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Secundário* (Buescu *et alii* 2014), documento em que a designação “gênero” (referindo-se a gênero textual ou discursivo, e não à categoria morfossintática):

- ocorre 16 vezes na Introdução, que contém pouco mais de 5 páginas (cf. Buescu *et alii* 2014: 5-10);
- ocorre em 5 dos 9 objetivos gerais (cf. Buescu *et alii* 2014: 11);
- estrutura os conteúdos incluídos nos domínios da oralidade, da leitura e da escrita (cf. Buescu *et alii* 2014: 12-13, 17-19, 23-24, 34)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Uma vez que o conceito de gênero foi concebido e tem uma aplicação generalizada na área dos estudos literários, é curioso constatar que essa designação não ocorre no programa de Português em articulação com os conteúdos do domínio da educação literária (cf. Buescu *et alii* 2014: 12-28). Só na parte do documento correspondente às metas curriculares, o conceito de gênero surge associado a textos literários (cf. Buescu *et alii* 2014: 47, 51, 55).

Dada a centralidade que é atualmente conferida a este conceito em contexto didático, justifica-se refletir acerca de alguns aspetos importantes relacionados com as classificações textuais, em geral, e com os gêneros, em particular. Assim, entre os objetivos principais desta reflexão, contam-se definir e caracterizar o conceito de gênero, evidenciando as propriedades internas que permitem identificar os textos de um dado gênero e distingui-los de outros. Acresce que é relevante alargar a caracterização dos gêneros a dimensões externas aos textos<sup>2</sup>.

Nesse sentido, a tese principal do artigo pode ser formulada da seguinte maneira: há evidentes vantagens teóricas e didáticas em estudar os **gêneros** de forma articulada com uma classificação em **tipos de discurso** que permita, por um lado, conceber e refletir sobre os textos enquanto objetos que são inevitavelmente influenciados por condicionalismos específicos da situação de comunicação, e, por outro lado, evidenciar que os textos podem ser perspetivados, não de maneira avulsa e atomista, mas de forma ordenada e sistemática no contexto da sala de aula.

Para demonstrar a validade desta tese, o artigo apresenta uma estrutura que contempla os seguintes passos: em primeiro lugar, será definido e caracterizado o conceito de texto; depois, serão apresentadas reflexões sobre a atividade de classificar textos, sendo indicadas algumas classificações textuais propostas e adotadas em diversas áreas de investigação linguística. Incidindo a atenção nas classificações em gêneros (Adam & Heidmann 2007, Swales 1990, 2004) e em tipos de discurso (Maingueneau 2014), argumentar-se-á, por fim, em favor da ideia segundo a qual uma abordagem didática integrada dessas duas classificações textuais permite articular, de forma metódica e conseqüente, o estudo das propriedades internas e das propriedades externas dos textos de gêneros contemplados nos programas de português.

A escolha deste percurso é suscitada, em grande medida, pelo destaque conferido aos conceitos de texto e de gênero no *Programa e Metas Curriculares de Português. Ensino Secundário*:

[...] o Programa articula-se em torno de duas opções fundamentais: i) a ancoragem no conceito de texto complexo e respetivos parâmetros [...]; ii) a focalização no trabalho sobre os textos (orais e escritos), mediada pela noção de *gênero*, no quadro de uma pedagogia global da língua que pressupõe o diálogo entre domínios.

Buescu *et alii* (2014: 5)

---

<sup>2</sup> As propriedades internas (como os temas abordados, a estrutura textual e aspetos estilísticos) são diretamente observáveis nos textos, enquanto as propriedades externas (que dizem respeito a aspetos da situação de comunicação que se refletem nos textos) necessitam de ser recuperadas ou reconstituídas pelo docente ou pelo investigador.

Acresce que, de acordo com o mesmo documento, «Oralidade, Leitura e Escrita são, assim, entendidas e valorizadas como formas de intervenção e de socialização» (Buescu *et alii* 2014: 8), constatação que convida a refletir, não apenas sobre as propriedades que os textos dos gêneros estudados evidenciam, mas também acerca das situações de comunicação em que eles são produzidos e em que circulam (Bronckart 1997).

## 2 – O conceito de texto

A primeira propriedade que merece ser destacada quando se pretende caracterizar o conceito de **texto** é que ele, sendo composto por signos linguísticos, **i)** constitui um produto verbal. Por vezes, diz-se, de modo figurado ou não-literal, que se pode “ler” uma pintura ou uma escultura ou qualquer outro objeto. Todavia, em rigor, pode-se “analisar” e “interpretar” uma pintura ou uma escultura, mas elas não podem ser lidas da mesma maneira que se lê um texto, dado que existem e se manifestam de modos diferentes, pois são compostas por outros materiais que não a linguagem verbal. A especificidade de um texto relativamente a outras formas de expressão e comunicação (artísticas ou não) decorre de ele integrar signos linguísticos.

Note-se que, com o crescente desenvolvimento tecnológico, multiplicam-se os suportes em que os textos são produzidos e em que circulam, abrindo possibilidades cada vez mais complexas de produção textual e de interação verbal. Por isso, muitos textos incluem, além de signos linguísticos, meios audiovisuais: trata-se, nesses casos, de textos multimodais. Assim, na perspetiva que se assume neste artigo (e que parece ser atualmente consensual no âmbito da Linguística), cada texto é constituído por signos linguísticos ou, pelo menos, o objeto em causa tem de incluir signos linguísticos para que seja considerado um texto.

Uma segunda propriedade decorre do facto de **ii)** cada texto ser produzido numa situação de comunicação singular. As situações de comunicação podem ser caracterizadas a vários níveis, considerando fatores como o tempo e o espaço<sup>3</sup> em que os textos ocorrem, a relação socioprofissional que existe entre os interlocutores e os objetivos que pretendem atingir com os textos, entre outros fatores possíveis. Acresce que **iii)** cada texto circula em suporte oral ou escrito. Assim, considera-se texto quer a versão escrita, quer a versão oralizada de um texto noticioso que um jornalista apresenta no telejornal.

---

<sup>3</sup> Por espaço, deve entender-se não apenas o espaço físico ou geográfico, mas também o espaço social, histórico e cultural em que cada texto é produzido. Por exemplo, a área de atividade socioprofissional em que um texto ocorre (política, jornalismo, investigação científica, religião, justiça, etc.) é um fator relevante que condiciona decisivamente as propriedades dos textos produzidos.

Além disso, **iv)** cada texto é produzido por um ou mais locutores, o que significa que tanto uma carta que se escreve como uma conversa que se tem ao telemóvel são, de igual modo, textos. Por outro lado, **v)** cada texto possui uma extensão indeterminada: o recado afixado à porta de um estabelecimento comercial anunciando “volto já” é um texto, tal como o romance *Os Maias*, de Eça de Queirós<sup>4</sup>. Tal constatação reenvia para a propriedade seguinte, que é decisiva para a caracterização deste conceito: **vi)** cada texto forma uma unidade semântica, um “todo de significado”. Constituir uma unidade semântica é o que distingue um texto de um amontoado desconexo de palavras e de frases. Para ser “um todo de significado”, cada texto caracteriza-se geralmente pela coesão e pela coerência.

Por fim, e numa perspetiva que incide sobre o que se pode fazer com a linguagem verbal, **vii)** cada texto configura uma unidade pragmática, o que equivale a dizer que concretiza um ato de fala (ou mais do que um), como asserir, ordenar, agradecer, pedir desculpa, prometer, entre muitos outros possíveis.

A partir desta breve caracterização do objeto texto, torna-se evidente que ele congrega diferentes dimensões que se influenciam reciprocamente e que, para o perspetivar de forma global, é necessário tomar em consideração todas essas dimensões (externas e internas), como adiante será sublinhado.

Na secção seguinte, refletir-se-á acerca da atividade de classificar os objetos verbais.

### 3 – Classificar textos

Qualquer classificação constitui uma tentativa de conferir ordem a um conjunto de objetos ou entidades que, de outra forma, seriam concebidos de maneira desorganizada, assistemática e avulsa. Classificar textos é, portanto, uma atividade que tem como objetivo geral primário “arrumar” em classes a numerosa e heteróclita massa de produções verbais. As vantagens são múltiplas e decisivas para os sujeitos falantes, quer porque permite processar a informação de modo mais eficiente, quer porque ajuda a produzir textos mais adequados à situação em que se está, quer ainda porque contribui para que se perspetive as produções verbais de forma organizada, entre outros proveitos relevantes.

Para melhor se compreender em que consiste a atividade de classificar textos, deve ser salientado que ela incide sobre objetos que podem ser concebidos e analisados segundo diversas dimensões, subsumíveis em

---

<sup>4</sup> Note-se que não se está a defender a ideia segundo a qual se trata de textos com a mesma importância estética, social, histórica ou cultural, mas, simplesmente, que, de acordo com a perspetiva adotada, são dois exemplos de textos.

dimensões externas e dimensões internas. As dimensões externas dizem respeito a propriedades não diretamente observáveis nos textos, mas que são específicas da situação de comunicação em que cada texto é produzido. Essas propriedades dizem respeito, por exemplo, ao tempo e ao espaço em que eles circulam, à área de atividade socioprofissional no seio da qual os textos são produzidos, aos papéis socioprofissionais dos interlocutores e aos objetivos que se pretende atingir com os textos. As dimensões internas correspondem às propriedades que podem ser identificadas diretamente no objeto texto, como os temas abordados, a distribuição dos conteúdos, opções de natureza estilística (sobretudo lexical e sintática) ou o suporte material em que o texto circula. Deve ser sublinhado, contudo, que a distinção entre propriedades externas e propriedades internas não configura uma dicotomia, ou seja, os dois termos não se opõem de forma discreta<sup>5</sup>.

Quando se procura classificar um dado texto, foca-se a atenção numa propriedade (ou em mais do que uma) dessas dimensões e abstrai-se de outras que não são consideradas para a finalidade em vista. Assim, numa primeira formulação, pode-se definir esta atividade da seguinte maneira: **classificar textos** consiste em tomar em consideração uma ou mais propriedades que eles evidenciam e em integrá-los em classes previamente estabelecidas.

Aproximam-se textos singulares quando dois textos distintos são integrados numa mesma classe, e afastam-se dois textos quando eles são inseridos em classes diferentes. Como resultado, confere-se alguma ordem, sistematicidade e previsibilidade a um conjunto heterogêneo de entidades.

Por exemplo, *Os Maias*, de Eça de Queirós, e *o Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, são dois textos muito diferentes, mas, quanto ao gênero, são ambos consensualmente classificados como romances. Note-se que se trata de dois textos singulares, porque manifestam propriedades bem distintas a nível dos conteúdos neles incluídos: quanto aos temas abordados e ao desenrolar das intrigas; quanto às personagens que protagonizam as duas narrativas; quanto ao tempo e ao espaço em que decorrem os eventos narrados; etc. Assim, estas diferenças não são consideradas quando se inserem os dois textos numa mesma classe: a dos romances.

Que propriedades são, então, tomadas em consideração? Trata-se, em ambos os casos, de textos literários em prosa e predominantemente narrativos (embora incluam também abundantes sequências de tipo descritivo e

---

<sup>5</sup> Dado que as propriedades externas de um texto não são nele diretamente atestadas, mas inferíveis com base nas suas propriedades internas, a área de atividade e o estatuto socioprofissional, assim como os objetivos que com cada texto se pretende atingir, são recuperáveis a partir de elementos textuais, como a estrutura (segmentação em capítulos, em artigos, em entradas lexicais, etc.), a seleção de constituintes (formas de tratamento, marcadores discursivos, seleção lexical mais ou menos cuidada, etc.), os temas abordados (reais ou ficcionados, etc.), o suporte em que o texto é produzido (oralidade ou escrita; suporte papel ou digital) e o meio em que circula (televisão, rádio, internet, etc.).

dialogal); além disso, são obras de considerável extensão (em contraste com outros textos dos gêneros novela e conto); neles, são referidos e ordenados conjuntos de eventos que se desenrolam no tempo e que mantêm relações de causalidade entre si; acresce que as personagens evoluem ao longo da intriga, de tal modo que, na situação final, são já diferentes do que eram na situação inicial. O facto de ambos os textos manifestarem semelhanças quanto a estas propriedades permite que eles sejam inseridos na classe do género romance.

O mesmo tipo de raciocínio é aplicável a outros textos (do discurso literário ou não). Um texto do género notícia manifesta propriedades específicas a nível da sua estrutura composicional: a ocorrência de um título (e, eventualmente, de um antetítulo e/ou de um subtítulo), de um *lead* com conteúdos que constituem as respostas às questões “quem?”, “o quê?”, “quando?” e “onde”, e de um corpo da notícia cujos conteúdos respondem às questões “como?” e “porquê?”. Acresce que, da leitura dos textos desse género, se pode inferir que foram redigidos por indivíduos que assumem o papel socioprofissional de jornalista (ou seja, que são membros da formação sociodiscursiva que se dedica à atividade do jornalismo) e que têm como principal objetivo informar (em contraste com textos de outros gêneros, como o editorial e o artigo de opinião, cujo objetivo predominante consiste em opinar). Deste modo, propriedades diferentes são convocadas para identificar e caracterizar textos de gêneros distintos, como o romance e a notícia, por exemplo.

Deve ser salientado que os textos e as classes são entidades ontologicamente distintas: os **textos** são objetos que se situam no plano empírico, porquanto configuram objetos fisicamente manifestados – na oralidade ou na escrita – e apreendidos pelos sentidos da audição e da visão. Por seu turno, as **classes** são construções abstratas, que se situam, portanto, num plano conceptual. Assim, quando se diz “Camões legou-nos belíssimos sonetos”, o que, em rigor, se está a dizer é “Camões legou-nos belíssimos textos do género soneto”, ou seja, objetos empíricos cujas propriedades nos permitem inseri-los num género da área da literatura que é conhecido pela designação soneto.

Estabelecida esta oposição, é possível agora completar a definição da atividade de **classificar textos**: consiste em inserir um texto (um objeto do plano empírico) numa classe (que se situa num plano abstrato), sabendo-se que cada classe foi previamente estabelecida e caracterizada com base num dado critério ou em mais do que um.

#### 4 – Classificações textuais

A tabela 1 apresenta algumas das mais conhecidas classificações textuais e as teorizações, disciplinas ou áreas de investigação no seio das quais elas foram propostas ou adotadas.

<b>CLASSIFICAÇÕES</b>	<b>EXEMPLOS DE CLASSES</b>
<b>Tipos de discurso<sup>1</sup></b> (Interacionismo Sociodiscursivo)	Discurso Interativo, Discurso Teórico, Relato Interativo, Narração
<b>Tipos de discurso</b> (Análise do Discurso)	Jornalístico, Literário, Acadêmico, Jurídico, Religioso, etc.
<b>Gêneros</b> (Análise do Discurso, Interacionismo Sociodiscursivo, Linguística Textual, <i>Genre Studies</i> )	Romance, Notícia, Tese de Doutorado, Decreto-lei, Encíclica, etc.
<b>Gêneros</b> (Linguística Sistémico-Funcional)	Relato Autobiográfico, Relatório Descritivo, Protocolo, Exposição, etc.
<b>Tipos de textos</b> (Gramática Textual)	Narrativo, Descritivo, Argumentativo, Expositivo, Instrucional
<b>Tipos de seqüências textuais</b> (Linguística Textual)	Narrativo, Descritivo, Argumentativo, Explicativo, Dialogal

TABELA 1 – Classificações textuais

Na tabela, constam duas classificações em tipos de discurso e duas classificações em gêneros, o que fica a dever-se ao facto de cada uma delas se basear em critérios distintos<sup>6</sup>. Desse modo, as designações-tipo das classes são idênticas (tipos de discurso, num caso, e gêneros, no outro), mas as designações que identificam os exemplares das classes diferem: Discurso Jornalístico e Discurso Acadêmico, por exemplo, em contraste com Discurso Interativo e Discurso Teórico, no caso das duas classificações em tipos de discurso; Romance e Notícia em contraste com Relato Autobiográfico e Relatório Descritivo, no caso das duas classificações em gêneros.

Sendo todas estas classificações válidas e operatórias nas investigações realizadas no seio das áreas disciplinares e das teorizações em que são usadas, não parece ser incorreto dizer que umas são mais adequadas do que outras para serem adotadas em contextos didáticos, sobretudo na escolaridade obrigatória.

Dado o tema e os objetivos deste artigo, a atenção focar-se-á em duas classificações textuais: a classificação em **gêneros**, adotada em diversas teorizações e áreas disciplinares (Análise do Discurso, Interacionismo Sociodiscursivo, Linguística Textual, *Genre Studies*) e a classificação em

<sup>6</sup> Para uma caracterização desenvolvida destas classificações, cf. Petitjean (1989), Werlich (1983), Bronckart (1997), Adam (2011), Rose & Martin (2012) e Silva (2012, 2015a).

**tipos de discurso** proposta no seio da escola francesa de Análise do Discurso. Entre as que constam da tabela, são estas as duas únicas classificações assumidamente abertas.

#### 4.1 – Gêneros

Na perspectiva adotada, os gêneros são consensualmente concebidos como classes de textos que se baseiam em várias propriedades (e não apenas em uma), sendo essas propriedades de natureza heterogênea, o que significa que dizem respeito a dimensões diferente<sup>7</sup>, quer externas (enraizadas na situação de comunicação), quer internas (atestadas no próprio texto)<sup>8</sup>.

Segundo Bakhtin (1986), as propriedades que permitem identificar e caracterizar um gênero inscrevem-se nas três dimensões seguintes: i) o tema abordado, ii) a estrutura (ou composição) do texto e iii) o estilo adotado. Ou seja, o autor destacou apenas propriedades internas ou textuais, as que podem ser diretamente detetadas nos textos do gênero causa.

Todavia, de acordo com teorizações mais recentes (cf. Adam 2001, Adam & Heidmann 2007), os gêneros caracterizam-se por propriedades textuais, mas também por propriedades relacionadas com dimensões relativas à situação de comunicação. Aliás, é atualmente consensual a seguinte ideia: as propriedades externas condicionam e influenciam decisivamente as propriedades internas (Bronckart 1997: 137-138, Maingueneau 2014: 64-65).

Segundo Adam (2001: 39-40), há oito dimensões ou componentes nas quais se podem inscrever os critérios que permitem identificar e caracterizar os gêneros: i) enunciativa, ii) pragmática, iii) semântica, iv) composicional, v) estilístico-fraseológica, vi) material, vii) metatextual e viii) peritextual. As duas primeiras são componentes externas ou extralinguísticas. A componente enunciativa inclui critérios como a área de atividade socioprofissional em que um texto é produzido e em que circula, e o papel socioprofissional que os interlocutores assumem. Já a componente pragmática integra os objetivos que se pretende atingir com o texto<sup>9</sup>.

As restantes componentes são internas. Dizem respeito aos temas abordados e à sua (não-)ficcionalidade (componente semântica), à distribuição

<sup>7</sup> Cf. Petitjean (1989), Adam & Heidmann (2007), Swales (1990).

<sup>8</sup> Na tabela 1, consta uma outra classificação em gêneros, proposta no seio da Linguística Sistémico-Funcional, que assenta essencialmente em dois critérios: nos objetivos comunicativos do autor e na estrutura composicional do texto produzido. As classes são, portanto, estabelecidas com base na combinação de um critério externo (os objetivos comunicativos) com um critério interno (a estrutura do texto) (cf. Rose & Martin 2012).

<sup>9</sup> Na definição do conceito de gênero, Swales (1990: 58) confere um lugar central ao objetivo comunicativo: «a genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes».

e articulação dos conteúdos (componente composicional), a aspetos de natureza microlinguística, como a seleção lexical e as construções sintáticas usadas (componente estilístico-fraseológica), etc.<sup>10</sup>

Deste modo, fica evidenciado que, para se caracterizar os textos de um dado género, não é suficiente explicitar as propriedades internas que tipicamente manifestam. Também algumas propriedades da situação de comunicação (como a área de atividade e os papéis socioprofissionais dos interlocutores, assim como os objetivos que pretendem atingir com os textos que produzem) são decisivas, quer para se caracterizar um dado género, quer para se compreender os motivos pelos quais os textos de um género manifestam especificamente *essas* propriedades internas e não outras.

Se, em contexto didático, um dos objetivos do estudo dos géneros consiste em proceder a uma reflexão sobre os fatores externos que condicionam a emergência de cada novo texto, é muito útil e pertinente articular a classificação em géneros com a classificação em tipos de discurso que, na secção seguinte, será brevemente caracterizada.

#### 4.2 – Tipos de discurso

A classificação em tipos de discurso adotada no âmbito da escola francesa de Análise do Discurso (Maingueneau & Cossutta 1995, Maingueneau 2014) baseia-se num critério de natureza socioprofissional, que contempla a área de atividade em que os textos de um dado género são produzidos e no seio da qual circulam, assim como os papéis socioprofissionais previstos quer para os locutores, quer para os alocutários.

Nesta área de investigação, as sociedades humanas são concebidas como conjuntos de indivíduos organizados em múltiplos setores de atividades socioprofissionais. Certas áreas em particular caracterizam-se pela produção intensiva de textos, de tal modo que não é excessivo dizer que elas “vivem” ou dependem da produção de textos. Trata-se de áreas como o jornalismo e a política, a religião e a justiça, entre outras.

Os grupos de indivíduos que se dedicam a uma mesma área de atividade constituem uma comunidade discursiva (ou formação sociodiscursiva). A cada comunidade discursiva corresponde (ou pode corresponder) um determinado **tipo de discurso**: por exemplo, os indivíduos que se dedicam ao jornalismo, quando assumem papéis socioprofissionais próprios dessa área (como jornalista, editor, diretor, etc.), produzem textos que se inserem no discurso jornalístico; os que se dedicam à política, quando se encontram investidos de papéis como presidente da república, deputado ou dirigente de partido político, produzem textos que se inserem no discurso político.

---

<sup>10</sup> Para uma exposição mais desenvolvida acerca das oito dimensões ou componentes contempladas por Adam (2001), cf. Silva (2015b).

Outros exemplos de tipos de discurso que são particularmente relevantes e valorizados nas sociedades atuais são os seguintes: discurso jurídico, discurso religioso, discurso literário, discurso científico (ou acadêmico)<sup>11</sup> e discurso publicitário. Cada tipo de discurso inclui todos os textos produzidos pelas pessoas que se dedicam a uma dada área de atividade. Por exemplo, o discurso jornalístico integra todos os textos produzidos por jornalistas, diretores de jornais, editores, etc.

A classificação em tipos de discurso é uma classificação aberta, pois é plausível conceber que possam vir a existir novos grupos socioprofissionais, aos quais seja associado um novo tipo de discurso<sup>12</sup>. Acresce que, por assentar num critério de natureza socioprofissional, não se trata de uma classificação que se baseia, pelo menos de forma primordial, em propriedades estritamente linguísticas ou textuais. Por este motivo, configura uma classificação que convida a que se reflita acerca das propriedades da situação de comunicação em que cada texto é produzido.

Uma vantagem de se adotar esta classificação em tipos de discurso decorre de ser possível articulá-la com a classificação em gêneros. De facto, as classes previstas nestas duas classificações em tipos de discurso e em gêneros são, de um modo geral, facilmente conciliáveis. É atualmente uma ideia consensual entre os investigadores que, no seio de cada área de atividade socioprofissional, os membros de uma dada comunidade discursiva têm à sua disposição um número finito, mas indeterminado de gêneros para poderem comunicar, agir e promover as suas atividades (Bronckart 1997), procurando atingir os objetivos inerentes a essa área.

A título de exemplo, no âmbito da atividade jornalística, os indivíduos podem escolher produzir textos que se inserem em gêneros como a notícia, o editorial, a reportagem, a entrevista, o artigo de opinião, entre outros que se encontram disponíveis. Ou seja, cada tipo de discurso inclui um conjunto de gêneros específicos de uma determinada área de atividade. Deste modo, adotar a classificação em tipos de discurso e articulá-la com a classificação em gêneros

---

<sup>11</sup> O discurso científico e o discurso acadêmico referem dois conjuntos de textos que se sobrepõem, mas que não coincidem totalmente. O discurso científico inclui os textos que expõem propostas teóricas, processos e resultados de investigação científica. O discurso acadêmico integra os textos que são produzidos na academia. Por um lado, há textos de natureza científica que não são produzidos no seio de instituições académicas (ou seja, inserem-se no discurso científico, mas não no discurso acadêmico). Por outro lado, na academia são produzidos textos relacionados com a gestão das instituições de ensino superior, como os do género pauta, requerimento, certificado e diploma (que se inserem, portanto, no discurso acadêmico, mas não no discurso científico).

<sup>12</sup> Além disso, note-se que a delimitação das comunidades discursivas (e dos respetivos tipos de discurso) é da responsabilidade de cada investigador. No seio do discurso político (que inclui todos os textos produzidos por agentes políticos), é possível delimitar e estabelecer subclasses, como o discurso político da esquerda (que integre os textos produzidos pelos agentes políticos que se identificam com partidos ou ideologias de esquerda), o discurso político dos sindicalistas, o discurso político dos autarcas, etc. O mesmo raciocínio é válido para outros tipos de discurso.

tem a vantagem de permitir que a reflexão acerca das propriedades internas típicas dos textos de um dado gênero seja complementada com a sistematização das propriedades da situação de comunicação em que o texto foi produzido.

### 5 – Para uma abordagem didática integrada das duas classificações

No estudo dos gêneros, uma das perguntas centrais a que se procura dar resposta é a seguinte: o que faz com que um texto do gênero notícia manifeste propriedades muito diferentes de um texto do gênero romance ou de um texto do gênero anúncio publicitário? A citação de Charaudeau (2001: 58) configura um contributo esclarecedor:

les contraintes situationnelles [...] répondent à la question du “on est là pour quoi dire?”, et, ce faisant, elles engendrent des instructions qui doivent trouver leur correspondant dans un “comment dire?”

Deste modo, a resposta à questão atrás enunciada recai necessariamente nas propriedades da situação de comunicação em que cada texto é produzido. Ou seja, as propriedades internas dos textos de um dado gênero dependem, em grande medida, das propriedades da situação de comunicação em que esses textos são produzidos.

Se um indivíduo assume o papel socioprofissional de jornalista e tem como objetivo informar o público acerca de um dado acontecimento, irá produzir um texto do gênero notícia, isto é, um texto com as propriedades internas típicas dos textos do gênero notícia. Assim, essas propriedades internas são inevitavelmente condicionadas pelas propriedades da situação de comunicação em que o autor se encontra e às quais procura adaptar o seu texto, como a área de atividade em que se insere, o papel socioprofissional de que num dado momento está investido e os objetivos que pretende atingir.

Por isso, em contexto didático e sempre que tal é possível, as propriedades externas devem ser explicitadas e sistematizadas para que se compreenda melhor porque é que um texto de um dado gênero apresenta *aquelas* propriedades internas e não outras<sup>13</sup>. Deste modo, é defensável que, no estudo dos gêneros, se proceda a uma abordagem didática descendente.

De facto, quando se reflete sobre textos de um dado gênero em contexto didático, é conveniente começar por identificar ou reconstruir as propriedades da situação de comunicação, e depois abordar as propriedades textuais típicas dos textos desse gênero. Entre os aspetos mais relevantes, inclui-se identificar a **área de atividade** em que o texto emerge, o **papel socioprofissional** que o autor do texto assume e os **objetivos** que pretende atingir. E, dessa maneira,

---

<sup>13</sup> Há, naturalmente, casos em que é mais difícil proceder deste modo, como sucede com os textos de gêneros avulsos, não enquadráveis numa classe estabilizada ou num tipo de discurso reconhecível, ou ainda com aqueles cujas propriedades da situação de comunicação não são recuperáveis.

será mais fácil para o estudante compreender por que evidencia um dado texto propriedades internas específicas a nível dos temas abordados, da estrutura que apresenta e dos aspetos estilísticos atestados.

A classificação em tipos de discurso conforma-se com uma abordagem descendente no estudo dos géneros, permitindo que, em articulação com a caracterização de cada género estudado, se considere e se reflita acerca dos condicionalismos externos que influenciam a produção de cada novo texto.

Na tabela 2, incluem-se exemplos de géneros que constam dos programas e das metas curriculares de Português dos diversos ciclos de ensino e que podem ser articulados com uma classificação em tipos de discurso.

TIPOS DE DISCURSO	EXEMPLOS DE GÊNEROS <sup>2</sup>
<b>Literário</b>	epopeia, romance, novela, conto, fábula, lenda, crónica; cantiga de amigo, cantiga de amor, cantiga de escárnio e maldizer, redondilha, soneto; auto, farsa, drama romântico, etc.
<b>Jornalístico</b>	notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, artigo de divulgação científica
<b>Académico (Científico)</b>	texto de enciclopédia, texto de dicionário
<b>Publicitário</b>	anúncio publicitário
<b>Político</b>	discurso político <sup>3</sup>

TABELA 2 – Tipos de discurso e géneros estudados no ensino básico e secundário

Sem surpresa, é o discurso literário que congrega a maioria dos géneros estudados nos diversos ciclos de ensino. Mas a principal ideia a extrair da análise da tabela é que o uso integrado das duas classificações permite uma arrumação clara e intuitiva das classes de textos<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> A realidade, contudo, é geralmente mais complexa do que as sistematizações que, com base nela, se elaboram. Foi anteriormente referido que todas as classificações constituem tentativas de conferir ordem a um conjunto de objetos ou entidades. Porém, Adam (1992: 31) alerta que «il restera toujours des baleines, des chauves-souris et des ornithorynques pour nous embrouiller un peu les idées». De facto, não só no mundo animal, mas também na vasta imensidão dos textos há entidades ou objetos de tal modo singulares que manifestam propriedades de mais do que uma classe. Por isso mesmo, são difíceis de classificar, de serem inseridos, de forma inequívoca, numa dada classe. Dois exemplos clássicos são os dos textos de géneros como a crónica (suscetíveis de serem integrados no discurso jornalístico e no discurso literário) e o ensaio (que são geralmente incluídos no discurso académico, mas que, em alguns casos, podem também ser integrados no discurso literário).

Adotar a articulação das duas classificações em contexto didático é um contributo importante para que os géneros sejam perspectivados de forma ordenada e sistemática, e evita que cada género seja estudado e concebido de maneira atomista, avulsa e desorganizada. Acresce que, quando se apresentam articuladas, ambas as classificações são suscetíveis de serem facilmente compreendidas e assimiladas por estudantes em idade escolar.

## 6 – Conclusões

A classificação em tipos de discurso atrás apresentada contribui decisivamente para que se reflita acerca das propriedades das situações de comunicação em que ocorrem e em que circulam os textos de um dado género, nomeadamente a nível:

- da **área de atividade socioprofissional** em que cada género é usado;
- dos **papéis socioprofissionais** que os autores dos textos assumem;
- dos **objetivos** que se pretende atingir com os textos dos géneros em causa.

Assim, para descrever, explicitar e sistematizar todas as propriedades dos géneros, é necessário contemplar as que são atestadas nos exemplares típicos de cada género, mas também enunciar as que decorrem da situação de enunciação em que os textos de um dado género são produzidos (ou seja, as propriedades externas ao texto, mas que o condicionam e o influenciam). A classificação em tipos de discurso constitui um apoio inestimável para essa reflexão.

Outra vantagem importante da adoção desta classificação em tipos de discurso em contexto didático decorre de ela se poder articular com a classificação em géneros. Assim, num nível hierárquico mais elevado, constam os **tipos de discurso** e, no seio de cada tipo de discurso, incluem-se os diversos **géneros** de que dispõem os membros de uma comunidade discursiva que exercem funções numa dada área de atividade.

Além disso, é intuitivamente compreendida por professores e estudantes, porquanto reflete a perceção que os indivíduos têm acerca da organização das sociedades em que vivem. Caracteriza-se, então, por ser simultaneamente clara e acessível.

Foi já referido que o principal objetivo da elaboração de uma classificação consiste em conferir ordem a um conjunto de objetos ou entidades que, de outra forma, seriam perspectivados de maneira avulsa. Ora, os contextos didáticos têm como objetivo conferir ordem e sistematicidade ao objeto de estudo de cada uma das disciplinas, de modo a torná-lo compreensível, assimilável e operativo.

No caso do Português, pode dizer-se que são os textos, em todas as suas dimensões (tema, estrutura, gramática, etc.), que constituem o objeto

de estudo. Por isso, a articulação das classificações textuais em tipos de discurso e em géneros parece ser útil, e, simultaneamente, pode revelar-se decisiva para que os textos sejam perspectivados de forma ordenada e sistemática no contexto da sala de aula. Na abordagem didática dos géneros, justifica-se, por isso, conciliar estas duas classificações em tipos de discurso e em géneros.

## REFERÊNCIAS

- Adam, J.-M. 1992. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan.
- Adam, J.-M. 2001. En finir avec les types de textes. In: M. Ballabriga (Org.). *Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation*. Toulouse: EUS, 25-43.
- Adam, J.-M. 2011. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Armand Colin. (3.e éd).
- Adam, J.-M. & Heidmann, U. 2007. Six propositions pour l'étude de la généricité. *La Licorne*. **79**: 21-34.
- Bakhtin, M. 1986. The problem of speech genres. *Speech genres and other late essays*. Austin: The University of Texas Press, 60-102.
- Bronckart, J.-P. 1997. *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Buescu, H. C.; Maia, L. C.; Rocha, M. R.; Silva, M. G. 2014. *Programa e Metas Curriculares de Português. Ensino Secundário*. Lisboa: MEC. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/programa\\_metas\\_curriculares\\_portugues\\_secundario.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/programa_metas_curriculares_portugues_secundario.pdf).
- Buescu, H. C.; Morais, J.; Rocha, M. R.; Magalhães, V. F. 2015. *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: MEC. Disponível em: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcepb\\_julho\\_2015.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcepb_julho_2015.pdf).
- Charaudeau, P. 2001. Visées discursives, genres situationnels et construction textuelle. In: M. Ballabriga (Org.) *Analyse des discours. Types et genres: Communication et interprétation*. Toulouse: EUS, 45-73.
- Devitt, A. 2004. *Writing genres*. Carbondale: Southern Illinois University.
- Maingueneau, D. 2014. *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin.
- Maingueneau, D. & Cossutta, F. 1995. L'analyse des discours constituants. *Langages*. **117**: 112-125.
- Miller, C. 1984. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*. **70**: 151-167.
- Petitjean, A. 1989. Les typologies textuelles. *Pratiques*. **62**: 86-125.
- Rose, D. & Martin, J. R. 2012. *Learning to write/Reading to learn*.

*Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Sheffield/Bristol: Equinox Publishing Ltd.

Silva, P. N. 2012. *Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências*. Coimbra: Livraria Almedina/CELGA.

Silva, P. N. 2015a. Narrativo: modo, género, tipo de texto ou tipo de sequência? *Atas do 11.º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português* (CD-ROM). Lisboa: Associação de Professores de Português, 22 pp.

Silva, P. N. 2015b. Alguns contributos da linguística para a classificação dos textos literários. *Atas do 11.º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português* (CD-ROM). Lisboa: Associação de Professores de Português, 45 pp.

Swales, J. 1990. *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

Swales, J. 2004. *Research genres. Explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.

Werlich, E. 1983. *A text grammar of English*. Heidelberg: Quelle and Meyer.